

AQUÁRIO

CAPICUA




COMPANHIA DAS LETRAS







*Para os meus pais, que me ensinaram a gostar
de pessoas, palavras e árvores.
Para o Pedro, que me ensinou a gostar de domingos.
Para o Romeu, que me ensinou tudo de novo .*

*Escreve poemas, pequena
escreve poemas
e come chocolates
e que os poemas
sejam como chocolates*

*«Olha que não há mais
metafísica no mundo senão chocolates.»*

Fernando Pessoa

(Adília Lopes)

ÍNDICE

15 Nota prévia

CABEÇA-E-CAUDA

19 A Escrita

21 Cabeça e Cauda

24 Cor-de-Rosa

27 Janela

29 Conforto

30 Quotidiano

33 Novela

36 A Minha Horta

39 Leão

42 Cedro, Palmeira, Pinheiro,
Rododendro

45 Todo o chão quer ser
floresta (*letra*)

47 Avós

50 Os pássaros são azuis

52 *Ageratina ligustrina*

53 Longos Verões

56 Cosmos

59 Tempo-Espaço (*letra*)

61 Primatas

64 Sensibilidade

67 Notas Paralelas

69 Resoluções

72 Ginasticar

75 Jane Fonda

78 Alfarroba

79 Gelados

82 Todas as Coisas
Maravilhosas

85 A Cena Toda

88 A Bênção

91 Mulher do Renascimento

94 Síndrome do Impostor

97 As Crónicas que Não
Escrevi

100 Erro

TERRA-MAR

DUAS CASAS

103 Duas Casas
(*excerto de letra*)

104 Corações ao Alto

107 Destino

111 Travessa do Almargem n.º 1

ILHÉU

- 115** A minha ilha
118 A minha ilha (*letra*)
120 Mar
123 Divórcio
124 Dança Macabra (*letra*)
125 Saber-a-pouco
128 Estâncias de Veraneio

DERIVA

- 132** Palavras
134 João Sensação
137 O dia em que conheci
Caetano
140 O melhor do Brasil
143 *Sulla Strada*
146 Eugénia
149 Guadalajara

TEMPO-LIVRE

AGENDA

- 155** Liberdade
156 Sobre a exaustão
161 A Luta
164 Medusas
167 25 de Abril Sempre!
170 Ainda Bem
173 Síndrome de Peter Pan
176 Supernova
179 Costas Largas
182 O Elefante Cor-de-Rosa
185 Algumas reflexões sobre
o (anti)racismo
190 Henrique Cimento
& Lícito

INTERVALO

- 194** Confinamento
195 Quarentena
198 Quarentena II
201 Quarentena III
204 Quarentena IV
207 Desconfinamento
(ou Quarentena V)
210 «Nada Voltará a Ser
como Dantes»
213 Repensar o Natal
216 Confinamento
(e o apaziguador transe
do quotidiano)
220 «Espelhos» ou a última
crónica do confinamento(?)
223 Maiores e Vacinados

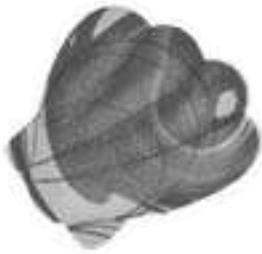
MASSA-MÃE

- 229** Mamã
230 Massa-Mãe
233 Parto sem Dor (*letra*)
235 O Aquário
238 Último mergulho (*letra*)
240 O Parto
243 Síndrome de Estocolmo
246 A Minha
247 Matrescência
250 Notas do Puerpério
253 O Compromisso
256 O Colo
258 Mãegalomania
261 Um

262	Sonhar Acordado	277	<i>Mamatoto</i>
265	Tarde Livre	280	Dois
266	Amor-Próprio	281	Dores de Crescimento
269	O Cansaço é Inimigo da Poesia	284	O Serviço
270	Conselhos Sensatos	289	Ser
273	(O Paradoxo da Bolacha de Buraco)	291	Irmã
274	Gruas, Escavadoras e Betoneiras	293	Brincar
		296	Língua-Mãe
		299	Minguante
		302	Três

NOTA PRÉVIA

A maioria das crónicas seleccionadas para este livro foi escrita para a *Revista Visão* entre outubro de 2015 e dezembro de 2021. Essas crónicas aparecem misturadas com outros pequenos textos, poemas e letras escritos no mesmo período. A ordem pela qual aparecem não é cronológica.



CABEÇA-E-CAUDA

A ESCRITA

Talvez por ter sido a minha primeira vocação identificada e valorizada, a escrita marcou-me a infância. A professora primária e os adultos elogiavam os meus versos e o meu ponto de vista. Comecei por escrever as redações da escola e os poemas para o dia do pai ou da mãe, e lembro-me de ficar surpresa quando os outros meninos perguntavam à professora se os seus textos estavam bem. A escrita parecia-me pessoal demais para ser avaliada como *performance*.

Mais tarde, durante a adolescência, a minha dedicação aos versos foi-se intensificando, mas com uma angústia: a de que, mesmo fazendo uso cuidadoso da pontuação, os outros não viessem a ler os meus poemas com a cadência certa. A cadência com a qual cada poema havia nascido e com que soava na minha cabeça. Para mim, intuitivamente, a escrita sempre teve ritmo. As palavras sempre tiveram a sua música e nasciam encarreiradas numa corrente de sentido, em que a métrica era tão importante quanto a emoção.

Anos mais tarde, já adulta, inadvertidamente *rapper* de profissão (e talvez porque a vida arranja sempre um jeito ou outro de se cumprir), percebi que tinha arranjado a solução

para a minha angústia ao escolher imprimir a minha escrita no tempo – cantarolando.

A escrita tem a dupla função de ser lúdica e eminentemente confessional. De ser ofício, filigrana, engenho e técnica, para ser vômito, catarse, digestão. Essa perfeita alquimia que transforma merda em ouro, as dores da existência em pequenas vitórias pessoais e estéticas, os grãos de areia em pérolas, como as ostras, e todas essas metáforas que resumem a criação. Essa capacidade de sobreviver apesar da mortalidade, ensaiar a imortalidade, brincar a Deus, ser livre, como tentam os artistas e alguns têm a ilusão de conseguir.

A escrita tem sido isso tudo e um lugar no mundo, um espaço de acolhimento e desafio, um conforto desconfortável. Simultaneamente insuficiente para conter todas as ideias e ambições, e asoberbante precisamente por isso, mas também por todas as folhas em branco a encarar. (Esperemos que de frente.)

CABEÇA-E-CAUDA

O verão é a época do ano em que tudo parece melhor. O dia tarda em acabar e, quando eventualmente escurece, a noite promete-se morna e cheia de possibilidades. O momento em que percebi que, fosse eu brasileira, o meu aniversário seria em pleno verão, foi uma epifania. Cogitei imediatamente infinitas versões estivais de festas de aniversário que poderia ter vivido.

Piqueniques no parque com bolo de aniversário, fins de tarde na praia com gelado de aniversário, campismo na montanha com massa de atum de aniversário. Tudo teria sido diferente no hemisfério sul dos aniversários.

Nasci num dia-aliteração. O universo conspirou para que assim fosse. Deve ter intuído que eu ia gostar de jogos de palavras, brincadeiras fonéticas e toma: *de-za-no-ve-de-de-zem-bro*. No nome calhou-me um palíndromo e, por isso, escolhi usar um sinónimo como nome de guerra. Palíndromo é uma palavra feia e estranha demais, e *capicua*, além de soar melhor, vem do catalão *cap i cua*, que quer dizer «cabeça e cauda». Achei simbólico. Associei à imagem da pescada de rabo na boca, ao eterno retorno dos cíclicos recomeços. E, no meu medo de ruturas, identifiquei-me.

Sou um animal de hábitos (mais concretamente, o cão, pelo grau de fidelidade). Gosto de ir aos mesmos restaurantes de sempre comer os pratos de sempre. Costumo comprar dois pares de tudo aquilo de que gosto muito (sapatos, peças de roupa, objetos). Peço os mesmos sabores de sorvete nas mesmas gelatarias. Faço férias na mesma ilha ano após ano. Sou monogâmica. E não tenho a capacidade de me desapaixonar. Sou de sono fácil, adormeço em carros, comboios, aviões quase imediatamente e, de tanto fazer Porto-Lisboa-Porto, desenvolvi um mecanismo de sobrevivência que me faz adormecer em Espinho e só acordar em Vila Franca de Xira. Ao contrário da maioria, quando tenho um problema, vou para a cama e adormeço com facilidade. Não só para ver se passa, como as avestruzes, mas sobretudo para recarregar o otimismo (quase irritante) com que olho para o mundo.

Em momentos de crise, ativo o meu mecanismo clássico: meia hora de «tiro, porrada e bomba» (estilo Valesca Popozuda) e, depois de três ou quatro palavrões, começo a pensar nas várias soluções possíveis e visto a camisola do copo-meio-cheio. A partir desse momento, vou de balde e trincha em riste, pintando tudo de cor-de-rosa novamente, e aí de quem questione o meu plano mirabolante para salvar a situação. Detesto o ceticismo prosaico dos realistas e fujo dos agoirentos. Padeço de um otimismo militante, que beira a inconsciência, e tenho a autoestima das infâncias felizes.

Também não gosto que me façam perguntas de manhã. Acordar não é de todo fácil. Vou para a cama com duas meias e acordo sempre com um pé descalço. Levanto-me descabelada, só com uma meia (normalmente desisto de procurar antes

de encontrar a outra) e vou recuperando lentamente a capacidade de falar português, com meia hora de silêncio e uma ou duas torradas. Aliás, só concordo em sair da cama porque existe comida no mundo, caso contrário, seria como Linda Evangelista nos anos 90.

Outra coisa que me incomoda é viajar ao domingo à noite. Acho até que só aprendi a tolerar domingos porque os transformei em dia-de-comer-*pizza*. Nasci num domingo e o parto não foi fácil (talvez por isso). Na adolescência tinha sempre bons motivos para uma choradeira de domingo. E depois de muitos anos de despedidas em Campanhã, entre os que apanham sempre o mesmo comboio de volta à rotina e passam o serão com uma sandes de fiambre, num pouca-terra nostálgico, a tentar encontrar o sono algures entre Espinho e Vila Franca de Xira, não ter de ir embora ao domingo tornou-se uma das melhores coisas da vida.

COR-DE-ROSA

«Quando vejo o cor-de-rosa parece que se referem a mim.»
A mui tatuável frase de Almada Negreiros numa das páginas d'*A Invenção do Dia Claro* ecoou no meu âmago para lhe dar sentido. Descreveu uma dimensão importante da minha existência e verbalizou um sentido de identificação que sequer havia realizado em consciência. Tocaram os sinos. Acendeu-se a lâmpada. É mesmo isso: quando vejo o cor-de-rosa parece que se referem a mim!

Cresci nos anos oitenta e tudo o que eu mais queria era um vestido de folhos de tule cor-de-rosa, umas *leggings* de licra cor-de-rosa, uma pochete-concha cor-de-rosa, uma tiara com brilhantes cor-de-rosa, unhas cor-de-rosa e umas sabrinas prateadas. Queria viver no mundo cor-de-rosa-chiclete do *Pequeno Pónei*. Ter o cabelo platinado da *Barbie* preso numa palmeirinha no topo da cabeça e usar batom com cheiro a *Sugus* de morango.

Em vez disso, a minha mãe fazia camisolas de tricô e vestidos de bombazina com os moldes da revista francesa *100 Idées* e calçava-me com botas de couro duro para que não crescesse com as pernas tortas. Ela tinha muito bom gosto e as minhas pernas estão impecáveis, mas aquele *look* festa-do-avante foi sempre um

duro golpe para as minhas pretensões *kitsch*. O resultado foi uma natureza contida, uma alma contrariada que, da adolescência aos dias de hoje, tem laivos de liberdade, tentando cumprir-se, ora em doses homeopáticas, ora em rosa-choque descontrolado.

Do ponto de vista criativo, o cor-de-rosa também me tem servido de muito. Primeiro, porque da frase de Almada retiro o cor-de-rosa enquanto otimismo desbragado. Esse romantismo cândido de quem acha que vale sempre a pena. De quem ainda não tem calo porque se recusa a enrijecer, ou naquilo que costumava descrever como a «Guerrilha Cor-de-Rosa», ou seja, a luta quotidiana pela preservação da autoestima, da espontaneidade e da atitude positiva, contra tudo e contra todos. E que, sendo cor-de-rosa, não deixa de ser uma guerrilha. Segundo, porque o cor-de-rosa é um ótimo gatilho para a escrita, tendo resultado, por exemplo, na letra de «A Cor da Rosa», que fiz a propósito do «Mão Verde», disco para crianças, em que pergunto: se há rosas de tantas cores diferentes porque é que chamamos «cor-de-rosa» ao cor-de-rosa? É que, afinal, o vermelho também é cor de rosa. E o amarelo também...

Mais recentemente, no pós-parto, dei por mim a comprar coisas cor-de-rosa umas a seguir às outras. Depois de meses de gravidez em que os camisolões e os *leggings* pretos eram a farda nossa de cada dia, comecei a sentir que não era apropriado manter essa sobriedade tendo um bebé no colo. Parecia que estava de luto, o que era especialmente sinistro naquele momento de tanta gratidão. Inconscientemente, o cor-de-rosa impôs-se... Uma mochila para as coisas do bebé – rosa-velho. Uns óculos escuros – cor-de-rosa-claro. Um casaco de malha – cor-de-rosa e vermelho. Umas calças de ganga – magenta. Dei por mim artilhada

em cinquenta tons de Barbie, naqueles primeiros e intensos meses de puerpério, até à data.

Sem pudor e sem reservas, cumprindo minha natureza. (Fosse o meu bebé uma menina, seria Rosa). E nesta minha espécie de crise de identidade da matrescência, nesta minha carência de ócio e vadiagem, nesta senda pelo êxtase e pelas emoções fortes (dentro da condição que a logística permite), decidi pintar o cabelo de cor-de-rosa. Podia ter ido beber *gin* até ficar tocada, acreditem que até ficava mais barato. Mas estou a amamentar, e o cor-de-rosa, além de durar mais uns dias que os vapores da destilaria no espírito, diz mais sobre mim do que qualquer sinceridade etílica. Sei que parece rebeldia de quem joga monopólio quase até à meia-noite, mas é o possível, caros leitores, e com um batonzinho-groselha, até que me favorece.

JANELA

I

Era uma grande janela virada para o Porto de Leixões e foi minha da primeira infância até ao final da adolescência. A única coisa que se intrometia entre a vidraça e os guindastes era uma grande palmeira centenária, que eu julgava ser a tal palmeira de Leça, onde vivíamos. Essa palmeira marcou a minha vontade (nunca concretizada) de vir a ser professora de *windsurf*, porque a encontrei desenhada numa prancha cor-de-rosa da *Playmobil* e houve um sentido de identificação. Gostava de ver os guindastes a descarregarem os navios, as montanhas de cereais à espera de irem para o silo, os carros alinhados, os troncos de madeira e outras matérias-primas pesadas dispostos no alcatrão. Gostava de ouvir o uivo grave dos navios, a ponte móvel em movimento e as gaivotas rabugentas a fugirem das tempestades. Mas aquilo de que mais gostava era da surpresa. A instabilidade da paisagem, que mudava a cada dia, conforme entravam e saíam os barcos. Quando atracava um cruzeiro, parecia que da noite para o dia se tinha erguido um prédio de quinze andares diante do nosso. Quando eram barcos de mercadorias, vários contentores coloridos com letras e símbolos pintados eram empilhados como peças de *Lego*. E todas aquelas embarcações faziam-me querer adivinhar origem e destino, pelas bandeiras, pelos nomes, muitas

vezes ilegíveis e escritos noutros alfabetos, quase como pistas para os mistérios insondáveis de todos os mares do mundo.

II

Aquela foi a casa da minha avó. A primeira casa onde cheguei depois de sair da maternidade. A minha segunda casa da infância. A casa para onde fui, anos mais tarde, inesperadamente, quando, já vazia e em plena crise, se tornou uma solução para os meus problemas. E apesar de ter sido a primeira casa onde o meu filho chegou depois de sair da maternidade e a minha primeira casa da vida adulta com responsabilidades, sempre foi uma espécie de plano B que se tornou rotina e onde permaneci por conveniência, ora confortável, ora semicontrariada. A minha relação com aquela casa era umbilical e complexa, como todas as relações familiares. Podia percorrê-la às escuras. Conhecia-lhe os cantos, os fantasmas, os ângulos e sua relação com a luz. Nela estavam depositadas muitas memórias doces e todos os sinais reconfortantes da normalidade dos dias, dos cheiros quotidianos ao som amadeirado dos tacos. Era fácil ficar e fui ficando. Mas sair significava avançar, concretizar uma emancipação, deixando finalmente para trás os seus defeitos incorrigíveis. Um dos principais era a janela que, entretanto, com o desfigurar da cidade, calhou de ficar virada para a bomba de gasolina. (Talvez tenha de lhe agradecer pelo impulso.)

Aquário

Ora confessional, ora furiosa, mas sempre perspicaz, inconformada e inteligente, além de totalmente entregue à experiência da «matrescência», Capicua dá ao leitor uma caixa de bombons em forma de livro.

Crônicas, pequenos textos, poemas e algumas letras, para rir, chorar e acenar com a cabeça em jeito de concordância — às vezes, surpreendidos por não termos reparado no mundo como Capicua faz.

Aquário é uma moldura, um recorte ou, se quisermos, uma janela para os mares interiores de Ana Matos Fernandes. Palavras fluidas, que disparam rascunhos de canções, críticas sociais, rasgos de esperança, amor e desabafos.



«"Quando vejo o cor-de-rosa parece que se referem a mim." A mui tatuável frase de Almada Negreiros numa das páginas d'*A Invenção do Dia Claro* ecoou no meu âmago para lhe dar sentido. Descreveu uma dimensão importante da minha existência e verbalizou um sentido de identificação que sequer havia realizado em consciência. Tocaram os sinos. Acendeu-se a lâmpada. É mesmo isso: quando vejo o cor-de-rosa parece que se referem a mim!»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)
 [companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN 9789897844560



9 789897 844560 >